

# Em busca do tempo vivido: considerações sobre memória e trajetória

Rogéria Campos de Almeida Dutra\*

## Resumo

A homenagem ao Prof. Gilberto Salgado Barbosa no presente volume de “Teoria e Cultura” tem como objetivo valorizar a sua passagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Uma passagem que durou cerca de 25 anos e que certamente não foi em vão. Podemos tecer comentários sobre suas contribuições como funcionário público ao assumir cargos administrativos, como professor e a atividade pedagógica que desempenhou em sala de aula, como cientista social ao analisar artigos e livros publicados, ou como intelectual cujas reflexões semearam diversas pesquisas.

**Palavras-chave:** homenagem; universidade federal; trajetória de vida

## In search of lived time: considerations about memory and history

### Abstract

In search of lived time: considerations about memory and history

A tribute to Professor. Gilberto Barbosa Salgado in this volume of “Theory and Culture” aims to enhance its passage by the Federal University of Juiz de Fora. A passage that lasted about 25 years and it certainly was not in vain. We comment on his contributions in a public function working on administrative positions, such as teacher and pedagogical activity which played in the classroom, as a social scientist to analyze articles and books published, or as an intellectual whose thoughts have sown several researches.

**Keywords:** tribute; federal university; life path

Em seu estudo sobre Marcel Proust, Samuel Beckett (MIRANDA, 1988:45) faz uso de um jogo de linguagem ao afirmar que o autor de *Em busca do tempo perdido* tinha uma má memória. A seu ver um homem de boa memória nunca se lembraria de nada, exatamente por não se esquecer de nada. Quando não se esquece, não há motivos para se lembrar e a memória se dilui no cotidiano do presente como referência. Contudo, quando as marcas do passado se tornam atenuadas, a memória se torna um instrumento de descoberta. Ao tratar de minha experiência como contemporânea de Gilberto Salgado nos tempos de graduação nesta Universidade, o objetivo deste texto é exercitar a memória como operadora da diferença, ou seja, um trabalho ativo de tecelagem com idéias e imagens do presente – o sentido desta publicação - da experiência do passado.

Ao homenagear o Prof. Gilberto Salgado Barbosa, o presente volume de “Teoria e Cultura” tem como objetivo valorizar a sua

passagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Uma passagem que durou cerca de 25 anos e que certamente não foi em vão. Podemos tecer comentários sobre suas contribuições como funcionário público ao assumir cargos administrativos, como professor e a atividade pedagógica que desempenhou em sala de aula, como cientista social ao analisar artigos e livros publicados, ou como intelectual cujas reflexões semearam diversas pesquisas.

Contudo, o foco desta apresentação é tentar delinear sua presença a partir do exercício da memória da convivência, traçando em linhas gerais o contexto de inserção do aluno Gilberto até sua aprovação no concurso de Professor Auxiliar de Antropologia em 1987. Trata-se de um exercício de contextualização de um período na história da sociedade brasileira, da universidade enquanto instituição de ensino superior e do próprio curso de Ciências Sociais da UFJF que marca o início de sua passagem e que de alguma forma vai modulá-la. Neste trabalho

\* Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF.

de tecelagem, muitos fios se desenrolam para compor a especificidade das circunstâncias que envolvem os primeiros tempos de sua trajetória acadêmica.

Lembro-me que Gilberto começou a frequentar nossa turma por volta do 4º período, um rapaz estranho ao grupo, fazendo matérias esparsas que parecia ser do “lado de lá”, ou seja, algum estudante curioso das Faculdades de Direito ou Economia que buscava agregar algumas pinceladas de ciências sociais ao currículo. Contudo, ele foi se fazendo mais constante nas diferentes disciplinas e no lugar de uma presença amadora, a figura inquieta, cheia de perguntas pertinentes foi se revelando. No exercício de mapeamento das preferências/tendências teóricas que marcavam nosso caminho à medida que avançávamos no curso - ou seja, nós alunos estávamos envolvidos no tradicional dilema em ter que se definir entre as três grandes áreas das Ciências Sociais, Antropologia, Ciência Política e Sociologia - não conseguia ver Gilberto em nenhuma delas exclusivamente, ao contrário, parecia estar em todas.

De alguma forma a escolha de seus temas de interesse em pesquisa vem refletir isto. De políticas públicas à cultura de massa, nosso colega alinhava saberes. Recortava a realidade em grandes fluxos concatenadores de múltiplos olhares, agregando a estes sua consciência da dimensão psico-afetiva e de um gosto pelo diagnóstico social quantitativo.

Como estudantes partilhamos de um momento particular na história da universidade, cenário que refletia o clima barulhento do final da ditadura. As Ciências Sociais assistia este processo de reorganização da sociedade civil, já fortalecida desde a época do regime militar por enfatizar a importância da dinâmica social, assim como a influência dos poderes estabelecidos na vida das pessoas. O ‘social’ exigia compreensão, dada a constante ameaça de desestruturação que representava - e não somente pelo conflito de orientações político-ideológicas, como também pela ousadia da contracultura em desmapear os marcos da modernidade da tradição ocidental - qual o espaço ocupado pela ecologia nos tempos atuais de crise ambiental.

Ao eliminar os canais políticos tradicionais e censurar os meios de comunicação, o regime

autoritário havia colocado a universidade como espaço de encontro, agitação e doutrinação. E os intelectuais se tornam os profetas da “análise da conjuntura”, quicá da estrutura, com poderes de personificação da vontade crítica da sociedade civil. A ditadura, de certa forma havia fortalecido as Ciências Sociais ao lhe dar um “inimigo comum” a falta de liberdade civil, e um objetivo comum, o processo democrático.

Com a abertura, o florescimento de vozes divergentes colore o cenário, juntamente com o reforço do poder de reivindicação e mobilização de grupos sociais diversos. No âmbito universitário ocorre a retomada do debate sobre os rumos da universidade e a questão da autonomia. Os grupos de leitura de Trotsky e Lenin vão se espaçando, mas estudantes, professores e funcionários se organizam. O movimento docente, ao se estruturar em entidades representativas, se desenvolve de forma semelhante ao movimento estudantil ao apresentar como característica marcante a fusão da luta política com a luta reivindicativa. Estamos no tempo de passeatas no calçadão da Rua Halfeld, das concentrações no Diretório Central dos Estudantes, da profusão de assembleias e greves prolongadas. A comunidade universitária debate a respeito das eleições para reitor, para diretor da unidade, refletindo o clima de democratização, numa polêmica discussão sobre o voto paritário ou proporcional. Na década que ficou conhecida como “década perdida”, a década de 80, período de fraco desempenho econômico marcado por formas gerais de estagnação e empobrecimento, várias políticas econômicas inovadoras foram experimentadas, contudo, com poucos sinais de êxito. Ao mesmo tempo em que se entrevê certa disposição da administração pública em incorporar cientistas sociais para o desempenho em funções de planejamento, a figura do economista se fortalece como autoridade investida de competência na tentativa de apontar caminhos para a condição brasileira de “dívida e(x)terna” e de submissão às intervenções do Fundo Monetário Internacional. De fato, o grande responsável por nossas mazelas se diluíra para a impessoalidade dos números, para a engrenagem burocrático-administrativa, ao contrário das décadas anteriores, quando os responsáveis pela exploração e desigualdade

sociais eram facilmente denominados. Lembrome de longos debates em sala a respeito das intenções reais do então Ministro da Economia Delfim Neto, se sua atuação traduzia sua condição de representante das elites, ou se ocorria em razão de sua competência profissional.

Neste período a sociedade brasileira se ordenava sob os efeitos de mais um ciclo de modernização, que aos moldes dos anos 30 e 50, se transparecia nas transformações das cidades: fluxos migratórios intra-regionais, êxodo rural, aumento da população urbana, ampliação do número de jovens na universidade, de profissionais liberais, crescimento das camadas médias, a profissionalização feminina. A política da contestação se amplia, permitindo que a juventude vivencie de forma menos militante e mais lúdica as propostas de renovação de valores e comportamento inspirados na contracultura. A psicanálise surge como poderosa chave interpretativa, e a juventude torna-se público consumidor da irreverência: o teatro de rua, as bandas de rock brasileiro, o movimento punk, o movimento alternativo.

A aprovação de Gilberto na vaga de Antropologia reflete um momento de ampliação das fronteiras do olhar antropológico já em curso desde a década de 70 e do desdobramento analítico de categorias várias de alteridade. Observa-se o crescimento do número de pesquisadores que se ocupam de processos sociais que ocorrem em ambiente urbano, com o desenvolvimento da abordagem antropológica fundamentada da “diferença-próxima” entre pesquisador e pesquisado. (PEIRANO, 2000) Além de estudos que envolvem as camadas médias, multiplicam-se as pesquisas relacionadas à questão do comportamento divergente, de gênero, família, padrões de religiosidade, dentre outros, cuja investigação buscava também considerar a percepção dos próprios agentes a respeito de seus problemas; sua forma particular de ordenação e classificação da realidade na qual estavam inseridos. Ou seja, este exercício investigativo procurava trazer para novos objetos a tradição do olhar antropológico ao enfatizar o processo constante de simbolização presente na vida social.

Estudantes ávidos de empiria andávamos em plena descoberta de novas formas de se pensar a

realidade social. Não era a Etnologia desenvolvida pela Prof. Neli, mas falava-se de cultura, valores e comportamento numa tentativa de interpretação da sociedade brasileira e da vida cotidiana em nosso próprio ambiente social, as cidades. Para esta investigação buscávamos ferramentas. Prof. Cruz trazia em suas aulas referências a Simmel e Veblen enquanto nas aulas de Prof<sup>a</sup> Shirley líamos Dumont. Havia certa ansiedade em se confirmar a atuação profissional do cientista social enquanto pesquisador, pois no ambiente acadêmico este ainda se associava à figura do teórico, enquanto no mercado de trabalho, a profissão “sociólogo” dava seus primeiros passos.

Esta fusão entre um clima epistemológico específico e a curiosidade investigativa discente em relação a um campo de pesquisa – os habitantes da cidade, Juiz de Fora e região - a ser descortinado vai se refletir na elaboração das monografias de conclusão de curso: *‘Tráfico de Liberdade: um estudo do comportamento irreverente’* (Gizele Carvalho e M. Imaculada Victal), *“Rosa Mística: o sentido da devoção”* (Lucia Magaldi e Lucimar Campos), *“Espelho, espelho meu...um breve estudo sobre projetos utópicos em Juiz de Fora”* (Tania M.C. Almeida), *“Ibitipoca: um caldeirão efervescente”* (Maria Elisa Vieira), dentre outros.

Neste contexto, Gilberto inicia os primeiros passos de sua trajetória, fazendo escolhas dentro do campo de possibilidades que se anunciava. Sua opção pelo tema da Escola de Frankfurt (*Introdução à Escola de Frankfurt*) em sua monografia de conclusão de curso reflete a conciliação de campos do saber e de horizontes de interpretação que se fundiam naquele momento. A postura crítica marxista – tradição consolidada no campo das Ciências Sociais brasileira através da hegemonia do pensamento uspiano desde a década de 50 do século passado - sem perder de vista a dinâmica das condutas, dos padrões de consumo na sociedade contemporânea, do comportamento culturalmente construído – temas de investigação antropológica -, via análise das reflexões da Escola de Frankfurt, resgatando intercâmbios possíveis a partir de uma ancestralidade comum, o romantismo alemão.

Esta corrente filosófica do pensamento europeu faz apresentar a partir de diferentes pensadores, já no sec. XVII, uma atenção crítica

em relação aos horizontes do Iluminismo, levantando dúvidas em relação ao processo mudança e “progresso” ocorrido na sociedade européia. Pautado nos valores da objetividade e racionalidade, o desenvolvimento da civilização, nos termos de Elias (1994), representava aos olhos dos românticos, a perda das qualidades sensíveis. O modo excessivamente linear e materialista de se lidar com a realidade traria consigo a experiência da fragmentação do mundo. Neste sentido, ressaltavam valores tais como unidade, singularidade, a postura compreensiva em relação aos fenômenos humanos no lugar da explicação das causalidades. A contribuição de Franz Boas para a consolidação da Antropologia certamente traz marcas deste pensamento ao tratar de culturas como expressão da diversidade cultural e da singularidade das expressões humanas, da realidade como resultado da confluência entre as dimensões subjetiva e objetiva dos humanos. Estas questões, inseridas no contexto da discussão da indústria cultural e da “sociedade de massa” vão se tornar recorrentes nas reflexões dos intelectuais da Escola de Frankfurt, pois que tratam do desencantamento e da calculabilidade do mundo e da eliminação das diferenças – marcas da tradição cultural da modernidade como valor e como imperativo, que se tornam hegemônica nas sociedades ocidentais. Neste sentido, Gilberto vai dar continuidade a seu processo de investigação e reflexão teórica - a figura do leitor e do consumidor da mídia impressa, as formas simbólicas da dominação e do biopoder - pautado nas formas de comportamento e valores inseridos na dinâmica de uma sociedade que trazia como projeto a ilustração.

Durante o período em que cursávamos o mestrado no Rio de Janeiro -ele, no Iuperj e eu, no Museu Nacional -, encontrei com Gilberto várias vezes na rodoviária durante a madrugada. Conversávamos rapidamente sobre nossos projetos que de alguma forma sinalizava para um futuro em que, talvez, tivéssemos a oportunidade de trabalharmos conjuntamente. Reencontrei-o novamente nos períodos em que trabalhei como Professora Substituta no Departamento de Ciências Sociais da UFJF quando sua preocupação com a consolidação de um projeto coletivo para o Departamento – a formação de uma “massa crítica”, como costumava dizer –

se fazia presente. Lembro-me de seu empenho durante as primeiras discussões a respeito de um programa de pós-graduação vinculado ao Departamento de Ciências Sociais para que se chegasse a um caminho viável, não somente em relação à formação do corpo docente que se tinha, como também a área temática que interessasse a todos. Gilberto sempre me perguntava a respeito da finalização de meu doutorado, estimulando minha participação nos dois concursos ocorridos para área de Antropologia anteriores a meu ingresso.

Na última vez que nos encontramos o tom foi de celebração e de um futuro promissor como colegas de trabalho, pois afinal, ou finalmente, eu havia me tornado professora efetiva do Departamento de Ciências Sociais. A ironia do destino é ter confirmado que minha entrada coincide com sua despedida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar., 1994. 2v.
- MELLATI, Julio.A Antropologia no Brasil: um roteiro. *Trabalhos em Ciências Sociais, Série Antropologia*, 38. Brasília, UnB, 1983.
- MIRANDA, Wander Melo. Fios da Memória. O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1988.p.43-60
- PEIRANO, Mariza G.S. A Antropologia como Ciência Social no Brasil. *Etnografica*. Lisboa,vol. IV(2), 2000.p.219-332.
- SORJ, Bernardo. *A Construção Intelectual do Brasil Contemporâneo*. Da resistência à Ditadura ao Governo FHC.Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- STOCKING, George.(org.) *Volksgeist as Method and Ethics*. Essays on Boasian Ethnography and German Anthropological Tradition. Madison: The University of Wisconsin Press, 1996